

I M A P P A M O N D I
l i b r i b i l i n g u i



di Maria de Lourdes Jesus

Racordai

Vengo da un'isola di Capo Verde
Sou de uma ilha de Cabo Verde

Illustrazioni di Maria Alice Fernandes

seconda
edizione

capoverde

SIMNOS
editrice



Il giorno della mia partenza per «Terra longe»

Nel 1968 arrivò da Lisbona con la sua famiglia una signora di una delle famiglie benestanti dell'isola. Cercava una ragazzina *trabalhadeira*, buona lavoratrice, che l'aiutasse in casa.

Non so chi aveva parlato di me, so solo che una sera mia madre, dopo cena, cominciò a fare discorsi molto seri: «Qui non c'è futuro per voi. Non posso darvi di più di quello che vi ho già dato. Ho fede in Dio che un giorno vi aprirà una porta, al *largo*, perché possiate realizzare la vostra vita». Questo discorso lo faceva anche quando sentiva il rumore dell'aereo che partiva. Pregava Dio di portare i passeggeri sani e salvi alle loro destinazioni e aggiungeva che un giorno anche noi saremmo andati. Improvvisamente quel giorno ha detto: «È arrivata l'occasione di uscire al *largo*». Io ero già molto eccitata perché qualcosa mia sorella mi aveva spifferato, dicendomi: «Hanno detto, però, che quella signora di Lisbona non scherza, vedrai». Ma non ci feci caso. Ero convinta che lei fosse solo gelosa perché era toccato a me che ero più piccola.

Non ho esitato a dire sì alla mamma. Ero felice di poter andare al *largo*. Mi sentivo abbastanza grande da intraprendere la via dell'emigrazione. In fondo anch'io, come tante altre, stavo aspettando solo un'opportunità per andare fuori a lavorare. «Devi lavorare con giudizio», mi diceva mamma, «e ricordati che vai nella terra *d'gente*, di altri. Devi comportarti bene. Poi, quando ti sei sistemata bene, cercherai un lavoro per tua sorella». Da quel giorno fino a quando sono partita, in casa non si è parlato d'altro. Ognuno che arrivava, mamma gli annunciava la mia imminente partenza. Tutti mi facevano gli stessi discorsi che

Dia da partida para «Terra longe»

Em 1968 chegou de Lisboa uma senhora com a família. Fazia parte de uma das famílias ricas da ilha. Ela estava à procura de uma rapariga trabalhadeira que a ajudasse nos serviços de casa.

Não sei quem lhe tinha falado de mim, sei somente que uma noite minha mãe, depois do jantar, começou a falar-me muito seriamente: «Aqui não há futuro para vocês. Não posso dar-vos mais do que já dei. Tenho fé que Deus um dia vos abrirá uma porta no *largo* para que vocês possam realizar a vossa vida». Ela falava desse jeito também quando ouvia o barulho do avião que partia. Rezava para que os passageiros chegassem sãos e salvos nas suas destinações e acrescentava que um dia nós também partiríamos. Naquele dia, de repente, disse: «Chegou a ocasião de sair ao *largo*. Eu já estava muito excitada porque minha irmã já me tinha antecipado alguma coisa, dizendo-me: «Disseram-me porém, que aquela senhora de Lisboa não é fácil, verás». Mas não liguei. Eu estava convencida que fosse tudo ciúmes porque eu tinha sido escolhida, mesmo sendo a mais pequena.

Não hesitei em dizer sim à mamã. Eu estava feliz de poder ir ao *largo*. Sentia-me suficientemente grande para tomar o rumo da emigração. No fundo, eu como tantas outras, estava à espera de uma oportunidade para ir para fora trabalhar. «Deves trabalhar com juízo», dizia mamã «e lembra-te que vais para a terra *d'gente*, de outros. Deves comportar-te bem. Mais tarde, quando estiveres bem colocada, poderás procurar um trabalho para tua irmã». A partir daquele dia, até o dia da minha partida, em casa não se falava de outra coisa. A cada um que chegava em casa mamã

anche mamma mi faceva e mi davano la benedizione. Mi raccomandavano di non dimenticare la mia famiglia e la mia terra. Mi dicevano: «*Nos Terra ê sabe, ê necessidade ke ta po gente ta bai pa estrangeer*», «La nostra terra è buona, è la necessità che ci costringe ad andare all'estero».

Sono partita nel mese di gennaio.

Prima di partire sono andata di casa in casa ad avvisare tutti i vicini. Il giorno della mia partenza la nostra casa era piena di gente. Tutti sono venuti a salutarmi. Mia madre, che difficilmente piange, aveva cominciato a piangere il giorno prima. Mia sorella Silvia non piangeva ma era molto triste. Ero impaurita dall'atmosfera triste che si era creata intorno. Avevo il cuore che mi batteva forte, come quando sta per succedere una cosa terribile ma non sai cosa e quando. Sono scoppiata a piangere quando è venuto Zezinho con il suo asinello, a prendermi con la mia valigetta. Dovevamo andare fino a Preguiça, dove c'era la nave che mi portava nell'isola di S. Vicente, per prendere poi quella per Lisbona.

Zezinho ha legato la mia valigetta sull'asinello e siamo partiti accompagnati da un pianto disperato come se stessi andando a morire. Pà Lisse invece non piangeva. Mi ha tenuta per un po' stretta a lui, facedomi tutte le raccomandazioni possibili. Mia sorella e gli amici mi hanno accompagnata fino a Lumbinho, in cima alla salita.

Una volta superato il Lumbinho, non si vede più la mia città, che resta in fondo alla valle. Avrei preferito che fossero rimasti a casa, come la mamma e gli altri, piuttosto che venirmi ad accompagnare fino lì.

Normalmente, quando muore una persona, i parenti e gli amici stretti vanno fino al cimitero, ma gli altri accompagnano la bara fino a Lumbinho.

Superato il Lumbinho camminavo piangendo, e Zezinho che cercava di calmarmi. Man mano che ci allontanavamo dalla città diminuiva il mio pianto e restava il

anunciava a minha iminente partida. Todos davam-me as mesmas recomendações de mamã e me abençoavam. Recomendavam-me que não esquecesse a minha família e a minha terra. Diziam-me: «*Nos Terra ê sabe, ê necessidade ke ta po gente ta bai pa stranger*», «A nossa terra é boa, a necessidade é que nos obriga a ir para o exterior».

Eu parti no mês de Janeiro.

Antes de partir, passei por todas as casas para avisar todos os vizinhos. Todos vieram para a despedida. Minha mãe que dificilmente chora, tinha começado a chorar no dia anterior. Minha irmã Sílvia não chorava, mas estava muito triste. Eu sentia-me amedrontada pela atmosfera triste que se tinha criado à minha volta. O meu coração batia forte como quando vai acontecer alguma coisa de terrível mas não se sabe quando nem como. Comecei a chorar quando chegou Zezinho com o seu burrinho para me buscar com a minha pequena mala. Tínhamos que ir até Preguiça para apanhar o navio que me levaria à ilha de S. Vicente e depois outro que me levaria a Lisboa.

Zezinho amarrou a minha mala no burrinho e partimos acompanhados pelo pranto desesperado como se estivéssemos a ir ao encontro da morte. Pá Lisse era o único que não chorava. Abraçou-me dando-me todas as recomendações possíveis. Minha irmã e os amigos acompanharam-me até Lumbinho, no alto da subida.

Uma vez superado Lumbinho não se vê mais a minha Vila, que se encontra no fundo do vale. Eu teria preferido que outros tivessem ficado em casa com mamã, em vez de me acompanharem até ali.

Normalmente, quando morre alguém, os parentes e os amigos vão até o cemitério, mas os outros acompanham o caixão até Lumbinho.

Depois de termos passado por Lumbinho, eu caminhava chorando e Zezinho tentava acalmar-me. À medida que nos distanciávamos da cidade, o meu pranto ia di-